

O desenho metodológico de uma pesquisa qualitativa sobre cinema e educação

Raquel Pacheco ¹

Resumo: O desenho metodológico utilizado para a realização de uma pesquisa de campo sobre projetos de cinema e educação em Portugal e no Brasil é o tema principal a ser tratado aqui. A pesquisa realizada teve como objetivo caracterizar como diferentes projetos de cinema e educação funcionam no seu dia-a-dia; identificar que tipo de pedagogias e metodologias são utilizados; saber o que estes projetos significam e de que forma contribuem para e com os jovens que deles participam e para sua educação enquanto sujeitos de direitos; e, por fim, perceber o papel das políticas públicas nesta área. Com o intuito de conseguirmos respostas para estas demandas, realizamos um trabalho de campo no Brasil e em Portugal, onde desenvolvemos um processo metodológico que inclui a pesquisa etnográfica através da observação participante e outros métodos relacionados à pesquisa qualitativa. E é sobre este processo metodológico que iremos falar.

Palavras-chave: cinema e educação; epistemologia; pesquisa qualitativa; jovens; estudo dos media.

Abstract: The methodological design used for conducting field research on cinema and education projects in Portugal and Brazil is the main topic to be discussed here. The research aimed to characterize how different film projects and education work in their day- to-day; identify what kind of pedagogies and methodologies are used; know what these projects mean and how they contribute to and with young people who participate in them and for their education as subjects of rights; and, finally, to realize the role of policies in this area. In order to succeed answers to these demands, we conducted fieldwork in Brazil and Portugal, where we developed a methodological process that includes ethnographic research through participant observation and other methods related to qualitative research.

Keywords: cinema and education; epistemology; qualitative research; youth; media study.

¹ Investigadora Doutora do CICS.Nova – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa – Portugal. E-mail: raquel.pacheco@gmail.com.

O processo da pesquisa

A pesquisa realizada teve como objetivo caracterizar, analisar e discutir uma parte da literacia audiovisual, mas especificamente o cinema, inserido no campo do cinema e educação. Em que contexto este tipo de projeto costuma ser inserido? Quais são seus objetivos? Que pedagogias costumam ser utilizadas nestes projetos? Os sujeitos que pretendemos pesquisar são os jovens e os objetos da nossa investigação são os projetos de cinema e educação.

Os jovens que participam destes projetos são ouvidos? Ajudam a colaborar na sua execução ou avaliação? Qual o papel destes jovens na realização destes projetos? E de que forma estes projetos contribuem para a vida destes jovens?

Através da observação participante, buscamos acompanhar projetos de cinema e educação que acontecem dentro e fora do ambiente escolar, cujo foco são os jovens de escolas públicas e/ou de baixa renda, na maior parte dos casos², moradores das periferias e de comunidades que sofrem algum tipo de exclusão social. É importante ressaltar que os projetos de cinema e educação que pesquisamos possuem financiamentos próprios, seja através de fundos privados ou governamentais, e não tem nenhum tipo de custo para os jovens que deles participam.

Em princípio tentamos delimitar a faixa etária dos jovens que fariam parte dos projetos pesquisados. Entretanto, com o movimento de sair da teoria e ir para prática do trabalho de campo, à medida que íamos conhecendo os projetos de cinema e educação, percebemos que seria difícil encontrar diferentes grupos com uma mesma faixa etária, ou até mesmo dentro de um único grupo. Foi comum encontrarmos projetos nos quais era permitida a participação de jovens de diferentes idades. Com exceção dos projetos desenvolvidos com uma turma inteira de alunos dentro da escola, onde normalmente há um grupo com idades mais ou menos semelhantes, os outros projetos são implementados contando em ter como participantes jovens de

² Nem sempre os jovens que participaram nesta investigação eram moradores de comunidades e periferias. Dentro dos projetos investigados também existem jovens considerados de classe média e classe média baixa.

diferentes faixas etárias, como por exemplo dos 11 aos 18 anos, ou dos 15 aos 26 anos³. Também pesquisamos projetos nos quais não havia preocupação em relação à faixa etária dos participantes.

Comprometeríamos nossa pesquisa, correndo o risco de termos apenas um grupo para acompanhar em Portugal e no Brasil, caso fôssemos exigentes e rigorosos em relação à faixa etária dos jovens participantes. Percebemos que a questão de os jovens possuírem idades diferentes não comprometeria o resultado científico desta investigação. Por outro lado, podemos considerar este dado como uma dificuldade observada na execução deste trabalho de campo, pois logo tivemos que aceitar que aquilo que havíamos planejado quando estávamos a desenhar a pesquisa não correspondia à realidade encontrada no campo.

Utilizamos o termo jovem sem exigir muito rigor etário na sua definição. Não pretendemos falar de jovens como uma “unidade social” (PAIS, 2003, p. 28), ou como um grupo que possui interesses em comum, nem relacionar os interesses com a faixa de idade. Nesta investigação, a juventude é vista como uma fase da vida. Como afirma Machado Pais (2003), a juventude é uma categoria socialmente construída e que pode modificar-se ao longo do tempo, dependendo do contexto econômico, social, geográfico ou político.

Se em Portugal é muito recorrente o sujeito, quando sai da infância, ser considerado jovem, no Brasil o mais habitual é que esta fase a seguir à infância seja chamada de adolescência. Adolescente, no Brasil, é o termo mais recorrente para aquele que não é considerado mais uma criança. Muito embora a puberdade em si seja um processo biológico, segundo Pais (2003, p.39), “a adolescência e a juventude só começaram a ser encaradas como fase da vida na segunda metade do século XIX”.

Dois campos: Brasil e Portugal

Nos questionamos também sobre a constituição de um campo de cinema e educação nos dois países. Até que ponto os projetos e ações realizadas nestas

³ Estes grupos etários são só em caráter ilustrativo.

áreas e suas respectivas metodologias são partilhadas, mensuradas e avaliadas? A atividade de cinema e educação é muito antiga, surgiu no início do século passado, com o aparecimento do primeiro cineclubes em Paris, através de Ricciotto Canudo. Na área da educação, teve sua primeira aparição através de Celestin Freinet, que foi o primeiro educador (de que se tem notícia) a utilizar o cinema como uma estratégia pedagógica na escola. Um tema, como o do cinema e educação, que vem sendo desenvolvido há tanto tempo, já está devidamente legitimado e metodologicamente estruturado? Existe um reconhecimento desta área enquanto campo?

Estudamos e acompanhamos casos que nos forneceram ferramentas e dados para analisarmos e avaliarmos a atual situação do cinema e educação em Portugal e no Brasil. Entre os projetos pesquisados, destacamos o programa da Cinemateca Francesa em Paris, “Cinema: cem anos de juventude”. Projeto que é implementado em ambos os países, através da Associação Os Filhos de Lumière, em Portugal, e do programa Imagens em Movimento, no Brasil⁴. Os dados recolhidos, através do mesmo projeto, nos dois países, fornecerão muitas informações importantes, além de possibilidades de análise e criação de categorias.

Os dois países dispõem de realidades diferentes, por isso não foi nossa intenção a realização de um estudo comparativo entre eles. Mesmo assim, procuramos utilizar os mesmos métodos de trabalho tanto em um país como no outro. Por outro lado, pudemos constatar que a aplicação de uma mesma metodologia pode resultar de uma maneira em um país e de forma bastante diferente no outro.

Consideramos como uma categoria de análise, identificar pontos em comum e divergências existentes nas pesquisas realizadas em Portugal e no Brasil. Dispormos de dados sobre um mesmo assunto relativamente a países tão

⁴ No Brasil, este projeto também é realizado na cidade de São Paulo pela Escola Carlitos. Com o nome de *Aprendiz de Cinema*, este colégio particular elabora o projeto da Cinemateca Francesa e participa em todas as etapas do plano desenvolvido anualmente na França, além de promover encontros e seminários sobre o tema cinema e educação. URL: <http://www.escolacarlitos.com.br/index.php/vivencias/aprendiz-de-cinema>.

diferentes pode ser complementar para as análises e leituras dos mesmos e pode vir a contribuir para o enriquecimento da pesquisa, de uma maneira geral. Isso significa que poderemos encontrar e dar conta de algumas semelhanças, tipicidades, bem como algumas diferenças no trabalho desenvolvido entre eles. Europa e América do Sul, mais especificamente: Portugal e Brasil; colonizador e colonizado. Para além de terem em comum a história da colonização que resultou, entre muitas outras coisas, na partilha da língua portuguesa, como será no campo do cinema e educação?

Pesquisas qualitativas com crianças e jovens

Até final dos anos 1980, a visão das crianças e jovens não era praticamente refletida nas pesquisas nas quais eram o objeto de investigação. Nos anos seguintes, os pesquisadores começaram a utilizar crianças e jovens para falarem nas pesquisas sobre suas experiências de vida. Pode-se dizer que, com a Convenção dos Direitos das Crianças, o quadro sobre a participação das crianças nas investigações começou a mudar (KIRBY *apud* PACHECO, 2009).

De acordo com a Convenção dos Direitos das Crianças – da qual o Brasil e Portugal são signatários e que (JÁ) possui 25 anos de existência –, as crianças e jovens são sujeitos de direitos. Embora não seja nossa intenção discutir a Convenção, consideramos importante sublinhar e identificar dois direitos que aparecem na Convenção e que devem estar presentes quando investigamos projetos que envolvem crianças e jovens: o direito à expressão e o direito à participação. Ambos fazem parte do leque de categorias que utilizamos para analisar os dados recolhidos no trabalho de campo da investigação realizada.

Mais recentemente, as pesquisas tendo crianças e jovens como foco vêm enfatizando as suas competências para que estes estejam envolvidos no processo de investigação; um reconhecimento de que eles têm diferentes competências e interesses em relação aos adultos. Para isso, os investigadores procuram usar os métodos mais adequados de acordo com a idade das crianças e jovens envolvidos nos projetos (KIRBY *apud* PACHECO, 2009).

Considerados pela investigadora Teresa Haguette (1995) como métodos ou técnicas não estruturados, os métodos qualitativos, como a observação

participante, a pesquisa participante, a entrevista, a história de vida e a história oral, podem conseguir certos tipos de informação que são muito difíceis de obter através dos métodos quantitativos.

O “trabalho de campo”, “pesquisa de campo”, “estudo de campo” surgiram principalmente:

- Do interesse de antropólogos e sociólogos em contrapor os trabalhos que utilizavam o método comparativo dos ditos “antropólogos de gabinete” (HAGUETTE, 1995, p.66);
- Como técnica para abordar o real, principalmente reconhecendo o valor que agrega a investigação, a participação do investigador no local pesquisado;
- Com a necessidade de “ver o mundo através dos olhos dos pesquisados” (HAGUETTE, 1995, p.67).

Para definir a observação participante, Haguette confronta as definições clássicas dos seguintes autores: Eduard C. Lindeman, Florence Kluckhohn, Morris S. Schwartz & Charlotte Green Schwartz, e Severyn T. Bruyn:

Os dois primeiros exibem a convicção de que a observação participante se resume a uma importante técnica de coleta de dados, empreendida em situações especiais e cujo sucesso depende de certos requisitos que a distinguem das técnicas convencionais de coleta de dados, tais como o questionário e a entrevista. Schwartz e Schwartz concebem a observação participante não só como instrumento de captação de dados, mas, também, como instrumento de modificação do meio pesquisado, ou seja, mudança social. Finalmente, Bruyn diverge dos seus antecessores por entender que a observação participante representa um processo de interação entre a teoria e métodos dirigidos pelo pesquisador na sua busca de conhecimento não só da “perspectiva humana” como da própria sociedade. (HAGUETTE, 1995, p. 69)

Tanto em Portugal como no restante da Europa, a diversidade dos problemas sociais e a certeza de que se assiste a uma mudança rápida, cujos contornos são de difícil identificação, fizeram com que cientistas sociais começassem a intervir de maneira mais efetiva no campo. “Estes, por sua vez, reivindicam o reconhecimento de uma atividade profissional científica e voltam-se para a academia em busca de apoio, procurando enquadramentos

conceituais e metodologias mais ajustadas aos novos campos profissionais” (GUERRA, 2002, p.51). Isabel Guerra (2012) sublinha que a relação entre teoria e empiria é indispensável, uma vez que a teoria não está contida nos dados recolhidos, e estes não falam por si só. Neste caso, o trabalho científico encontra-se presente quando o investigador cria um relacionamento entre o empírico e a teoria, realizando um diálogo entre ambas as partes.

Esta investigadora chama a atenção para o fato de que, independentemente dos esforços de todos, parece evidente que os enquadramentos teóricos – sobre a exclusão e a marginalidade social, as alterações dos tipos e funções das famílias, a juventude e suas expectativas etc. –, evoluem mais rapidamente do que os métodos de análise e de intervenção, que têm estabilizado em torno das metodologias tradicionais, fundamentalmente análise documental, observação, questionário e entrevistas. Guerra realça que faltam métodos de suporte à investigação e à intervenção nos novos campos profissionais.

Apesar do indicativo de um aumento nas pesquisas qualitativas envolvendo crianças e jovens, de modo geral, este número ainda é baixo e, na maior parte das vezes, estas pesquisas continuam a não considerar como uma prioridade ouvi-los ou dar-lhes voz. Por outro lado, em relação à investigação em educação para os media, os pesquisadores ingleses David Buckingham e Sonia Livingstone são uma referência. Suas investigações são amplamente divulgadas através de suas intensas produções acadêmicas, onde costumam desenvolver pesquisas que têm como prioridade ouvir e dar voz a crianças e jovens. Por sua vez, a organização sueca Nordicom produz anualmente uma gama de material (livros, newsletters, etc.), nas quais mostram pesquisas qualitativas com crianças e jovens, realizadas por estudiosos de todo o mundo. As pesquisas que dão voz aos mais novos são prioridade dentro da organização, que procura divulgar e dar espaço a estas experiências.

Abordagens metodológicas da pesquisa etnográfica

Durante o ano de 2013 e uma parte de 2014, desenvolvemos uma pesquisa, um trabalho de parceria entre a Universidade Nova de Lisboa e a

Universidade Federal Fluminense. Foi durante este percurso que conhecemos o Laboratório de Etnografia e Estudos em Comunicação, Cultura e Cognição – LEECCC, vinculado à UFF. Este Laboratório desenvolve um trabalho de pesquisa na interface e encontro das questões comunicativas com as de natureza cultural e cognitiva, utilizando a pesquisa etnográfica como metodologia de investigação.

A pesquisa etnográfica apresenta e traduz a prática da observação, da descrição e da análise das dinâmicas interativas e comunicativas como uma das mais relevantes técnicas. Assim, ao se avaliar programas e projetos, visando a recomendação de soluções para os problemas e impasses identificados, deve-se levar em conta as evidências da observação e da descrição, elementos cruciais da atividade etnográfica. E, se é a partir dos encontros e relacionamentos que extraímos a compreensão e explicação das experiências humanas, que se dão no mundo da vida, no mundo do trabalho, no mundo do entretenimento e da arte, então, somente poderemos extrair as evidências necessárias para compreender os contextos destes relacionamentos, a partir das análises das dinâmicas que marcam esses encontros⁵.

O LEECCC considera que a filosofia da pesquisa etnográfica é a de compreender a vida e a existência social como localizadas e resultantes no encontro e no relacionamento. E é através desse encontro que emergem todas as formas de negociação, solidariedade, valores, redes, transmissão, trocas, simbologias e cerimônias, conflitos e compartilhamentos. Fazendo com que o ambiente da pesquisa se torne um laboratório vivo, no qual o próprio observador (etnógrafo) deve levar em consideração todas as informações que possam constituir o horizonte de possibilidades daquilo que se pretende observar para conhecer.

O passo a passo nas escolhas dos critérios metodológicos de nossa pesquisa etnográfica baseia-se na publicação de origem britânica, *Researching Audiences*. Kim Schroder, Kirsten Drotner, Stephen Kline e Catherine Murray (2003) procuram aí fornecer o que designam como *caixa de ferramentas etnográficas* para uma observação participante, apresentando assim coordenadas para a realização de uma pesquisa etnográfica. As reflexões

⁵ Fonte: <http://www.propipi.uff.br/leeccc/pesquisa-etnogr%C3%A1fica>

necessárias antes de se iniciar a investigação, na fase da idealização; o processo do dia-a-dia no decorrer da pesquisa de campo; e a fase final, quando o investigador fará a decodificação e análise do material recolhido, todas essas três etapas são minuciosamente abordadas.

As duas primeiras perguntas que precisamos fazer antes de conduzir uma pesquisa etnográfica no campo dos *media* são: O que eu quero saber? E depois: Por que eu quero saber isso?

Segundo os autores, a observação participativa (ou participante) é central para o trabalho de campo; ela é ao mesmo tempo um processo de imersão e de distanciamento. Gradativamente, o pesquisador vai adquirindo uma posição mais central no trabalho de campo, falando com mais pessoas e tendo acesso a mais informações. Neste estágio, provavelmente, estaremos em uma posição na qual poderemos fazer perguntas mais incisivas e rever o que tinha ficado inconsistente ou mal-entendido durante o início da pesquisa.

De acordo com o antropólogo americano James P. Spradley (*apud* SCHRODER *et al.*, 2003, p.92), podemos distinguir entre três perspectivas consecutivas na observação empírica, nomeadamente:

– Observação descritiva: é quando nos perguntamos as principais questões para obter uma visão geral sobre a cena.

– Observação focada: é quando nos fazemos perguntas mais específicas e estruturais. Por exemplo: a relação entre uma expressão textual específica e a interação social.

– Observação seletiva: é quando nos fazemos perguntas analíticas. Por exemplo: sobre uma expressão textual específica e a interação social e porque as pessoas envolvidas escolheram este modo para relatar estas coisas.

Como podemos ver, a relação entre estas três fases depende do tempo que se está no campo e os progressos alcançados para estreitar uma perspectiva analítica em um caminho mais relevante e obter uma interpretação mais profunda. Quanto mais realizarmos uma observação descritiva, mais iremos estreitar as perspectivas para uma observação mais seletiva.

O Diário de Campo

Durante o trabalho etnográfico que desenvolvemos, o Diário de Campo foi o método que nos permitiu registrar o dia-a-dia dos projetos, o papel dos educadores, suas pedagogias e metodologias, e também o lugar ocupado pelos jovens educandos dentro desta dinâmica educacional.

O Diário de Campo é uma importante ferramenta dentro da pesquisa etnográfica e que possibilita recolher dados que serão analisados *a posteriori*.

É certo que, no início do trabalho de campo, o investigador não possui categorias de observação especificamente predeterminadas. No entanto, quando chega ao campo, o investigador tem já em mente um quadro conceptual e objetivos de pesquisa (GUERRA, 2012, p.26).

É no Diário de Campo (DC) ou Diário de Bordo (DB), que vamos anotar o maior número de informações possível: no campo, quanto mais informações conseguirmos anotar, melhor. Como existem diversos fatores que tornam o ato de escrever, enquanto estamos no terreno, uma tarefa praticamente impossível, essas anotações podem não ser registadas em documento. Neste caso, é necessário fazermos anotações mentais de instâncias que pretendemos recordar e, depois, o mais brevemente possível, passarmos estas anotações para o papel. Às vezes podemos codificar diálogos e respostas de forma que só seja inteligível para nós mesmos. Tudo depende das circunstâncias do local e a posição de onde se está.

Em *Researching Audiences*, Schroder et al. (2003) abordam uma lista de material típica para um trabalho de campo, ou seja, o que podemos colher durante este tipo de trabalho:

- Anotações: anotar o que está acontecendo; descrever diálogos e trocas de conversas entre as pessoas.
- Material visual: fotografia dos lugares e das pessoas; vídeos de entrevistados/informantes e/ou das pessoas no momento de suas práticas/ações.

-
- Material de áudio: fitas gravadas com conversas e entrevistas (que serão transcritas e transformadas em material digital).
 - Material usado pelos informantes (“investigados”), como por exemplo: filmes, programas de televisão, anexos de computador.
 - Material *off-stage*: o diário de bordo, com reflexões, comentários, ideias de cada dia.
 - Outros materiais do campo, por exemplo: mapas, *press clipping*, artefatos em geral.

Tratamento dos dados

Enquanto as anotações no campo são as impressões mais naturais, o trabalho baseado nas anotações deve ser mais apurado e detalhado, com descrições e ideias. “A codificação de uma situação é a representação desta, com alguns de seus elementos constitutivos, em interação. A decodificação é a análise crítica da situação codificada” (FREIRE, 2006, p.112). Segundo Paulo Freire na análise de uma situação existencial concreta, codificada, verifica-se exatamente o movimento de pensar.

Este movimento de ida e volta, do abstracto ao concreto, que se dá na análise de uma situação codificada, se bem-feita a decodificação, conduz à superação da abstração com a percepção crítica do concreto, já agora não mais realidade espessa e pouco vislumbrada. (FREIRE, 2006, p.113)

Para ordenar o material coletado no campo e para colaborar na hora da decodificação das informações e no resultado final da pesquisa etnográfica, segue uma tipologia que ajudará na digitalização e organização deste material:

- 1) Narrativas: transcrição dos diálogos gravados; notas dos diálogos durante a pesquisa; notas das pesquisas dos eventos, cenas e episódios.
- 2) Comentários: comentários dos informadores; comentários do pesquisador.
- 3) Dados *off-stage*: Reflexões do pesquisador (diário do trabalho de campo); outros materiais de interesse; material dos *media*.

A codificação é um passo crucial, pois é nesta etapa que o material recolhido no campo irá servir para identificar, classificar, comparar e sistematizar os dados. O processo de codificação do material etnográfico tem dois estágios importantes.

O primeiro, a codificação corrente, a mais simples, pois baseia-se em codificar o material coletado no trabalho de campo. Transformar rascunhos em material de qualidade, transcrever fitas, catalogar informações etc. Este processo dá ao pesquisador uma intimidade e um maior conhecimento em relação ao material recolhido e prepara-o para o segundo estágio, que é a análise deste material.

A análise ou descodificação do material tratado consiste em identificar teorias, a ocorrência de códigos relacionados com alguns conceitos e temas. Esta etapa da investigação é muito importante, pois é ela que dá uma característica processual ao registo etnográfico. Deve-se prestar uma atenção particular na fase da descodificação, pois é neste momento que relembramos eventos, expressões, rotinas, o esquema discursivo (incluindo metáforas) e formatos narrativos que podem ser apropriados ou transformados pelos informantes. Na análise final, devemos ter atenção na dinâmica de construção de um diálogo entre a parte teórica e os dados empíricos. Estes conceitos e teorias ajudarão a dar uma característica mais substantiva e formal à investigação.

Na busca por produzirmos um conhecimento articulado entre teoria e empiria, recorreremos à revisão de literatura. A análise do material recolhido foi realizada à luz da revisão de literatura, deste modo observamos as questões levantadas e o que poderia ser respondido (ou não) através do trabalho de campo. A seguir, procuramos enumerar de forma sistematizada as perguntas que foram identificadas e levantadas a partir destes capítulos. As questões que foram levantadas através desta metodologia funcionaram como um roteiro que auxiliou nas escolhas das temáticas que foram, posteriormente, analisadas. Nesta altura, desenvolvemos um processo de análise do material recolhido no campo juntamente com um exercício dialógico entre a primeira e a segunda parte do trabalho desenvolvido.

O trabalho de campo antes do campo

Dentro deste processo metodológico ressaltamos a revisão bibliográfica como o início de todo o processo de investigação e que só termina com a conclusão do trabalho de escrita. Esta revisão combinou documentos acadêmicos, jornalísticos, literários, além de relatórios, *sites e blogs*, manuais e legislações.

Na busca por encontrar e escolher as perguntas, os objetos e os campos mais apropriados para desenvolvermos um estudo etnográfico na área do cinema e educação, sentimos a necessidade de conhecer as atividades que estavam a ser desenvolvidas no nosso campo de interesse. Concomitantemente ao trabalho de leitura e da pesquisa realizado no “gabinete”, fomos conhecer diferentes projetos realizados, participar em congressos, seminários, palestras, festivais de cinema, mostras, grupos de pesquisa e reuniões sobre nossa temática e assuntos a ela relacionados, tanto no Brasil como em Portugal.

Ainda não era altura para a realização do trabalho de campo, mas para uma prospecção do que era o campo, no intuito de conhecermos e reconhecemos as possibilidades e realidades existentes, tendo em consideração que a realidade está em constante movimento e mudança. Sentíamos que, por se tratar de um tema tão dinâmico e cheio de possibilidades, a teoria sozinha não conseguiria desenhar o trabalho empírico e formular por si só as perguntas sobre a investigação que queríamos realizar. Foi através deste trabalho *no campo* antes do trabalho *de campo*, que começamos a formular nossa pesquisa, a pensar as melhores metodologias para o trabalho empírico, etc.

Esta é uma das etapas que faz parte das metodologias compreensivas (GUERRA, 2012). Estas metodologias são consideradas como um processo que vai, desde a busca pelo objeto até à análise de conteúdo, rompendo com as muito utilizadas metodologias hipotético-dedutivas. Esta mudança de paradigma tem consequências importantes em todo o processo de pesquisa. Ela representa a passagem do raciocínio hipotético-dedutivo, também conhecido como “cartesiano”, para o raciocínio indutivo.

A diferença nem sempre é claramente percebida, embora seja simples: a lógica da investigação não é gerada *a priori* pelos quadros

de análise do investigador, que espera conseguir encontrar essa lógica através da análise do material empírico que vai recolhendo. A intenção dos investigadores não é comprovar hipóteses definidas *a priori* e estanques, mas antes identificar as lógicas e racionalidades dos atores confrontando-as com o seu modelo de referência. A consequência imediata é que o trabalho de construção do objeto, da análise das hipóteses, é contínuo desde o início até o final da pesquisa (GUERRA, 2012, p.22).

Baseados nesta metodologia compreensiva indutiva, dividimos e sintetizamos o trabalho empírico em duas etapas principais e complementares, que aconteceram de forma semelhante tanto no Brasil como em Portugal: a primeira foi a prospecção do que era o campo, um reconhecimento *in loco* daquilo que queríamos investigar; e a segunda foi o trabalho de campo através da pesquisa etnográfica.

Esta primeira etapa do trabalho empírico, e que faz uma contextualização do campo nos dois países, assim como a história destes campos, constituição e formação, é o tema abordado na próxima seção, na qual iremos contextualizar as iniciativas de cinema e educação. Após esta etapa, os dados recolhidos durante o trabalho de campo são trabalhados através da descodificação e confrontando-os com a teoria encontrada ao longo da pesquisa. Esta segunda etapa do trabalho de campo será discutida e analisada com maior profundidade, no intuito de buscarmos uma melhor compreensão sobre os campos investigados.

O trabalho de campo

Durante o trabalho realizado no campo antes do campo conseguimos escolher os projetos que iríamos pesquisar e definir metodologias e estratégias, o que colaborou muito para a realização desta segunda etapa. Nesta etapa, acompanhamos dois projetos em Portugal, e dois projetos no Brasil. Utilizamos a pesquisa etnográfica, o Diário de Campo, a observação participante, a entrevista e questionários como metodologias de pesquisa.

Realizamos um trabalho de campo que teve a duração total de 11 meses, sendo cinco meses em Portugal e seis meses no Brasil. Fizemos contato com mais ou menos 20 projetos de cinema e educação e foi a partir desta lista que decidimos aqueles que iríamos acompanhar através do trabalho de campo. Para

realizarmos esta seleção, fomos buscar através daquilo que queríamos saber, partimos das perguntas desta investigação, para podermos definir algumas categorias. Para isso os projetos escolhidos deveriam:

- 1) Trabalhar com cinema e educação;
- 2) Serem de acesso gratuito;
- 3) Realizar filmes com os jovens;
- 4) Trabalhar com os jovens no campo;
- 5) Ser um projeto em desenvolvimento contínuo (não estar sendo realizado pela primeira vez, ter uma história no campo)
- 6) Estar aberto à nossa pesquisa.

Assim foram escolhidos dois projetos em Portugal e dois no Brasil para fazerem parte do corpo deste trabalho de campo.

Reflexões finais

Um dado importante sobre a etapa final da pesquisa etnográfica que devemos ressaltar é a questão da confidencialidade. Precisamos analisar através de conceitos jurídicos e de acordo com o que foi combinado com os informadores/investigados para sabermos se devemos ou não identificar nomes, lugares, etc. Essa é uma decisão difícil que precisa ser analisada e refletida de maneira que não prejudique nem o investigador, nem a pesquisa e muito menos aqueles que contribuíram para a realização do trabalho etnográfico.

A solução é usar o bom senso e reunir-se previamente com os informantes para ver até que ponto eles estão dispostos a se expor. De qualquer maneira o investigador deve estar preparado para arcar com a responsabilidade daquilo que escrever.

Quando estamos desenvolvendo uma investigação no campo, dependemos de inúmeras e diferentes tipos de pessoas. Para conseguirmos a partilha da informação, o consentimento para a investigação, a confiança da partilha, na maior parte das vezes lançamos mão de diferentes tipos de técnicas de convencimento. Estas técnicas variam de acordo com a situação e os

interesses envolvidos. Temos muitas vezes que nos colocar no lugar dos nossos informadores, e pensar sobre as implicações que as informações contidas nos dados que desejamos obter terão sobre a vida daquela pessoa.

A investigadora Isabel Guerra (2012) sublinha que a divulgação e aferição pública dos resultados são aspetos inerentes à pesquisa, que tem os informadores como importantes atores participantes na produção da inteligibilidade social. Por isso, o investigador deve saber que se torna necessário produzir vários tipos de relatórios finais em função dos públicos-alvo. Para tal, Guerra (2012, p. 87) relembra algumas sugestões feitas por Poirier e Valladon (1983) sobre o que deve conter neste tipo de documento final:

- Explicitar os postulados teóricos, meios e métodos de recolha de informação;
- Clarificar cuidadosamente as estratégias de recolha e análise dos dados;
- Documentar com dados empíricos as construções teóricas mais significativas;
- Expor os resultados negativos ou menos atingidos;
- Revelar as decisões tomadas no terreno que influenciaram as estratégias da pesquisa e os objetos da pesquisa; apresentação e análise das hipóteses rivais;
- Preservar a confidencialidade das informações;
- Estabelecer a sinceridade dos participantes;
- Explicitar a significação teórica e a generalização dos dados.

Durante todo o percurso do trabalho de campo usamos diferentes técnicas de persuasão para que os diferentes sujeitos da pesquisa possam cooperar na nossa investigação. Sem as pessoas que aceitam participar e colaborar (de diferentes modos) na pesquisa etnográfica, não haveria pesquisa. Uma das técnicas de persuasão usada pelo investigador é se comprometer a dar um retorno sobre o trabalho realizado, apresentando o resultado final. Mais sério do que este tipo de comprometimento é suscitar (e normalmente é o que

acontece) naquele que fornece os dados para a pesquisa, uma esperança, seja ela de mudança, de melhora, de reflexão ou de visibilidade sobre o tema que estamos a trabalhar ou para si próprio. Quem participa numa pesquisa destas passa a confiar no investigador e, muitas vezes, se expõe, confidenciando sentimentos, contextos, situações e segredos, que nos tornam cúmplices. Sempre há a expectativa de uma contrapartida futura, quando o trabalho estiver pronto.

Referências

- ALASUUTARI, P.. **A Globalização da Pesquisa Qualitativa**. Tradução de A. de SOUSA LOPES. Media e Jornalismo, nº6, ano4. Coimbra: Edições Minerva, 2005.
- BARBIER, R.. **Pesquisa-Ação na Instituição Educativa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BUCKINGHAM, D.; BLOCK, L. de. **Finding a global voice? Migrant children, new media and the limits of empowerment**. In: P. DAHLGREN, pp. 147-163, *Young Citizens and New Media: Learning for Democratic Participation*. New York: Routledge, 2007.
- FEILITZEM, V. C., CARLSSON, U. & BUCHT, C. (eds.). **New Questions, New Insights, New Approaches**. Contributions to the research forum at the World Summit on media for children and youth 2010. Sweden: NORDICOM (University of Gothenburg), 2011.
- FREIRE, P.; SHOR, I.. **Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- GUERRA, I. C.. **Fundamentos e Processos de Uma Sociologia de Ação – O Planeamento em Ciências Sociais**. Cascais: Principia, 2002.
- GUERRA, I. C.. **Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo**. Sentidos e formas de uso. Cascais: Principia, 2012.
- HAGUETTE, Teresa M. F.. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- HANSEN, A. *et al.*. **Mass Communication Research Methods**. London: Palgrave, 1998.
- KIRBY, P.. **Involving young people in research, in Child and Youth Participation: Resource Guide**. UNICEF, 2003.
- PACHECO, R.. **Jovens, Media e Estereótipos: Diário de Campo numa Escola dita Problemática**. Lisboa: Livros Horizonte, 2009.
- PAIS, J. M.. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2003.

SAVE THE CHILDREN. **Interviewing Children:** A guide for journalists and others. London: Save the Children, 2003.

SCHRODER, K. *et al.*. **Researching Audiences.** Londres: Arnold, 2003.